

Jovens e opinião sobre política: Semelhanças e diferenças entre as juventudes de direita e de esquerda no Brasil

*Rogério de Oliveira Araújo**

*Renata Furtado Barros***

*Olivia Cristina Perez****

Resumo

Diante da constatação do crescimento de viés conservadores entre as juventudes, a pesquisa parte da seguinte pergunta: existem diferenças na valoração das instituições entre jovens considerados à esquerda e à direita no espectro político e ideológico? Para tanto apresentamos opiniões sobre

* Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí/Brasil. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Piauí. Professor celetista do Estado. E-mail: rogeroliveira373@outlook.com

** Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí/Brasil. Graduada em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí e em Direito pela Faculdade Estácio CEUT. E-mail: renatafurtadobarros_@hotmail.com

*** Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo/Brasil. Tem estágio pós-doutoral no Programa de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Cinde/Clasco). Professora Adjunta de Ciência Política na Universidade Federal do Piauí. E-mail: oliviaperez@ufpi.edu.br

Código de referato: SP.304.LVII/22
<http://dx.doi.org/10.22529/sp.2022.57.03>



STUDIA POLITICÆ  Número 57 invierno 2022 pág. 41-57

Recibido: 31/05/2022 | Aceptado: 19/10/2022

Publicada por la Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales
de la Universidad Católica de Córdoba, Córdoba, República Argentina.

política conforme 323 jovens brasileiros de 16 a 29 anos que responderam ao questionário do Latinobarômetro em sua onda de 2020. Especificamente descrevemos como os jovens à direita, à esquerda e ao centro avaliam o sistema democrático; apoiam regimes ou lideranças autoritárias; confiam nas instituições e se interessam por política. Dentre os resultados destacamos como a distribuição dos jovens entre direita e esquerda é aproximada, com um alto percentual de jovens que se posicionaram ao centro. Em relação às percepções políticas, há semelhanças entre os jovens dos distintos espectros políticos e ideológicos, o que contraria certas percepções que associam as juventudes e política com a esquerda.

Palavras-Chave: juventudes - ideologia – direita - esquerda

Resumen

Ante el incremento de jóvenes de derecha, la investigación parte de la siguiente pregunta: ¿existen diferencias en la valoración de las instituciones entre jóvenes considerados de izquierda y derecha en el espectro político e ideológico? Para ello, presentamos respuestas sobre opiniones relacionadas con política según 323 jóvenes brasileños de 16 a 29 años que respondieron el cuestionario Latinobarómetro en su edición de 2020. Especificamente, describimos cómo los jóvenes de derecha, izquierda y centro evalúan el sistema democrático, apoyan regímenes o liderazgos autoritarios, confían en las instituciones y se interesan por la política. Entre los resultados, destacamos como la distribución de jóvenes entre derecha e izquierda es aproximada, con un alto porcentaje de jóvenes que se posicionan en el centro. En cuanto a las percepciones políticas, existen similitudes entre jóvenes de distintos espectros políticos e ideológicos, lo que contradice ciertas percepciones que asocian juventudes y política con la izquierda.

Palabras clave: juventudes - ideología - derecha – izquierda.

Abstract

In view of the growth of conservative bias among youths, the research starts from the following question: are there differences in the valuation of institutions between young people considered on the left and right in the political and ideological spectrum? To this end, we present responses regarding opinions on politics according to 323 young Brazilians aged 16 to 29 who responded to the Latinobarometro questionnaire in its 2020 wave. Specifically, we describe how young people on the right, left and center evaluate the democratic system; support authoritarian regimes or leadership; they trust institutions and are interested in politics. Among the results, we highlight how the distribution of young people between right and left is approximate, with a high percentage of young people who positioned themselves in the center; Regarding political perceptions, there are similarities between young people from different political and ideological spectrums,

which contradicts certain perceptions that associate youths and politics with the left.

Keywords: youths - ideology - right - left

Introdução

A juventude é comumente compreendida como uma fase da vida em que os indivíduos são mais “livres”, contestadores e de algum modo, mais ativos. Essa percepção é alimentada tanto pela mídia na promoção de padrões de consumo, quanto por pesquisas acadêmicas inspiradas pelos movimentos revolucionários, em especial desde a década de 60, na qual a juventude despontou como protagonista de diversas transformações sociais e políticas (Sherer-Warren, 2014).

Como expoente dessas análises, Melucci (1997) interpreta a juventude como uma camada da sociedade na qual as tendências de transformação social costumam se manifestar mais rápido e de modo mais visível. Para Melucci, essa capacidade “termômetro” da juventude é possível devido a sua íntima relação com a dinâmica do tempo nas sociedades complexas. A sociedade, enquanto complexo de interdependências e conflitos, é preenchida por significados culturais. Assim, os conflitos emergem nas áreas mais expostas aos “investimentos simbólicos” e pressões para adequação. Os sujeitos desses conflitos são também aqueles mais expostos e sua ação em relação à pressão simbólica aponta sinais para a sociedade como um todo. Nesse sentido, a juventude, que se encontra demarcada a partir de elementos biológicos e culturais em relação ao tempo, ocuparia essa posição indicada por Melucci como centro das pressões simbólicas da sociedade.

As conclusões de Melucci, inspiradas em parte pelos movimentos sociais da segunda metade do século XX, acabam por gerar uma visão da juventude como essencialmente progressista e dotada de uma sensibilidade voltada para antever processos de mudanças sociais. Entretanto, essa interpretação deixa de lado os diversos movimentos que as diferentes juventudes têm seguido ao longo das últimas décadas, que nem sempre estão na direção de pautas progressistas ou contestadoras.

A perspectiva teórica aqui adotada considera a juventude como uma noção dinâmica pautada sob condições, sociais e culturais historicamente construídas de modo situado e relacional (Vommaro, 2015). Além disso, a com-

preensão da juventude passa pelo reconhecimento das diversas condições que a juventude experiencia. Vommaro (2019, 2020), por exemplo, utiliza o conceito de desigualdades multidimensionais para se referir ao fato de que pobreza, etnia, território, religião, gênero, geração, educação e inserção laboral estão relacionadas com as desigualdades sociais. Em sentido próximo, para Groppo (2016) é necessário interligar a juventude a outras categorias sociais, como classe, nacionalidade, região, etnia, gênero, religião e até mesmo grau de desenvolvimento econômico. Por isso optamos por nos referir sempre às juventudes, cientes e demarcando as diferenças entre esse segmento que, em última instância, trata-se de uma construção política e social.

Os estudos sobre participação política das juventudes têm mostrado um descrédito em relação às instituições parlamentares, como os partidos políticos (Castro, 2008; Mesquita et al., 2016; Araújo & Perez, 2020; Perez & Souza, 2020; Zuccolotto & Teixeira, 2020) o que tem levado os jovens a preferirem formas diretas de participação, sem intermediações (Castro, 2008; Perez & Souza, 2020). Conforme essa literatura o descrédito nas instituições políticas tem relação com a insuficiência da representação tradicional em acolher as demandas das juventudes.

Zuccolotto e Teixeira (2020) evidenciam esse dilema da democracia ao demonstrar como os mecanismos institucionais, a exemplo das eleições, não dão conta de expressar a soberania popular. Essa dificuldade de encontrar um meio termo que contemple a representatividade inerente às democracias modernas e a participação popular, tem se constituído como um dos grandes desafios para a estabilidade da própria democracia e da inclusão da participação juvenil.

Além das limitações da democracia representativa, a onda de populismo que perpassa a América Latina se constitui em outro fator que incide sobre as percepções políticas dos indivíduos. Freidenberg (2011) fez um balanço dos governos populistas de esquerda pela América Latina no início da segunda década do século XXI e o quanto essa forma de lidar com o eleitor gera uma tensão com as instituições democráticas. O populismo surge como uma linguagem política que simplifica a política institucional para a população, arena que em geral se constitui como um campo complexo para a maioria do eleitorado (Freidenberg, 2011; Iazetta, 2019).

Nesse sentido cabe retomar em linhas gerais a recente trajetória política do Brasil. O Brasil foi comandado por presidentes filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT) por quase quatorze anos (de 2003 a 2010 com Luiz Inácio

Lula da Silva e de 2011 a meados de 2016 com Dilma Rousseff). A gestão petista é mais próxima dos ideais de esquerda e no Brasil aproximou movimentos sociais do Estado (Santos, Perez & Szwako, 2017).

No entanto, a direção do governo se alterou substancialmente nos últimos anos. Em 2016, antes de concluir seu segundo mandato, Dilma Rousseff foi destituída do cargo após controverso processo de *impeachment*.

Em seu lugar assumiu Michel Temer (do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB, depois nomeado Movimento Democrático Brasileiro, MDB, partido à direita no espectro político). Temer era vice de Dilma e ocupou a presidência do Brasil de 2016 a 2018. Desde o governo de Michel Temer tem se destacado no Brasil uma nova direita cuja gestão resulta na prática em uma “democracia blindada”, cujas características segundo a definição de Goldstein (2019) seriam:

A construção de um inimigo “esquerdista” para justificar a repressão de ativistas e movimentos sociais, preservando uma base leal e manipulando a raiva se nenhuma conquista econômica for feita; um papel partidário político para os poderes judiciais com forte interferência de *lobby* e consultores militares; uma democracia fraca sem participação política; o estabelecimento de uma ordem favorável ao mercado contra a plataforma votada pela maioria dos brasileiros nas eleições de 2014; os avanços de direita no discurso público que reestruturaram a cultura e a discussão política; e a adesão de um candidato de extrema-direita à presidência pela primeira vez desde a redemocratização começou em 1985. (p. 245)

Antes das eleições de 2018, o candidato com maior intenção de votos, o ex-presidente Lula, foi preso sob a acusação de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Em 2018 Jair Bolsonaro (à época filiado ao Partido Social Liberal, PSL) elegeu-se presidente, o que marca a ascensão de um governo à direita no Brasil. Jair Bolsonaro assumiu “as pautas dos costumes (...) agradando às forças cristãs do Congresso Nacional” (Almeida, 2019, p. 200). Ainda conforme Goldstein (2019), não é possível se referir a essa nova ordem de direita como ditadura, e ainda assim não se pode caracterizá-la como totalmente democrática, já que se trata de uma democracia cujas potencialidades têm sido mutiladas.

O viés de direita representado pelo Bolsonaro tem se revelado de modo acentuado também entre as juventudes. Por exemplo, a pesquisa de Ribeiro e Fuks (2019) mostra que os jovens têm apresentado uma intolerância de viés moralmente conservador, elencando entre seus grupos de antipatia os que

apoiam a descriminalização do aborto (pauta essencialmente progressista). Estudos recentes procuram compreender como emergiram e o que pautam esses movimentos juvenis alinhados à direita e ao conservadorismo (Weller & Bassalo, 2020; Severo & Gonçalves, 2020; Severo; Weller & Araújo, 2021) tendo como base a teoria das gerações de Karl Mannheim e suas análises sobre o conservadorismo como um estilo de pensamento. Os dados originam-se de pesquisa quantitativa realizada em escolas de ensino médio de três municípios do Rio Grande do Sul, com 2.169 respondentes. O desfecho do estudo parte da resposta à autoidentificação política, na escala de 1 (extrema esquerda). Tais estudos destacam desde a rejeição da juventude aos canais institucionais de participação, a exemplo dos partidos políticos, bem como as dinâmicas de formação política através de movimentos e da escola.

Diante da constatação do crescimento de viés conservadores entre as juventudes, a pesquisa parte da seguinte pergunta: existem diferenças na valoração das instituições entre jovens considerados à esquerda e à direita no espectro político e ideológico? Trata-se de uma pesquisa descritiva que tem como objetivo verificar as semelhanças das percepções políticas dos jovens conforme suas distintas filiações ideológicas. Especificamente descrevemos como os jovens à direita, à esquerda e ao centro avaliam o sistema democrático; apoiam regimes ou lideranças autoritárias; confiam nas instituições e se interessam por política.

Para analisar o quanto as percepções sobre política variam entre as juventudes, discernimos neste artigo os jovens de direita e de esquerda. As definições sobre direita e esquerda remontam à Revolução Francesa na qual a direita esteve associada à manutenção das hierarquias e da tradição e a esquerda associada aqueles que defendiam as mudanças propostas pela revolução, resumidas em seu lema: liberdade, igualdade e fraternidade, no entanto, tais conceitos passaram por diversas transformações ao longo da história (Cêpeda, 2021).

No sentido de tentar definir o que são as esquerdas e as direitas mais recentemente, Norberto Bobbio (1994) explica que os defensores da esquerda estariam mais apegados à defesa do igualitarismo, enquanto os partidários da direita defenderiam a liberdade como fator primordial. Ainda sobre os aspectos que demarcam esquerda e direita, o autoritarismo seria o ponto de intercepto entre os considerados de extrema-esquerda e de extrema-direita (Bobbio, 1994). Tal delimitação implica nas visões que os atores têm do mundo e o que esperam da política. Entretanto, ser de esquerda e de direita pode variar conforme os diversos contextos, ou seja, “Não apenas o entendimento dos

significados desses termos é diferente, mas também as políticas e conflitos que moldam essa clivagem em cada país” (Vieira & Maciel, 2009, p. 34).

Embora seja possível essa definição, a presente pesquisa apresenta dados sobre a percepção política dos jovens conforme eles mesmo se definiram – à esquerda, direita ou centro. Ou seja, não é nossa intenção filiar os jovens à esquerda ou à direita, mas descrever percepções sobre políticas de jovens que se entendem como próximos dessas distintas ideologias.

A pesquisa descreve dados retirados do banco Latinobarômetro apresentados no ano de 2020. O Latinobarômetro reúne um amplo estudo sobre opinião pública na América Latina, aplicando periodicamente um amplo *survey* em 18 países. Para os fins desta pesquisa era necessário um banco de dados que disponibilizasse variáveis que possibilitassem a identificação ideológica dos atores - o que o Latinobarômetro faz.

O Latinobarômetro apresenta respostas de indivíduos entrevistados de todas as idades. Para esta pesquisa analisamos apenas as respostas daqueles considerados jovens a partir do recorte etário de 16 a 29 anos de idade. Compreendemos que a juventude não se limita apenas a uma questão etária, no entanto, o banco de dados não nos permite fazer uma distinção mais detalhada em vista de suas variáveis. É importante considerar ainda que normalmente toma-se como início da juventude os 15 anos de idade, mas como o Latinobarômetro aplica questionários só àqueles aptos a votarem, esta faixa ficou de fora da pesquisa. Especificamente no ano de 2020 foram aplicados questionários para 1204 brasileiros, sendo 881 adultos e 323 jovens, os sujeitos da presente investigação.

Já para delimitar os jovens como de direita e de esquerda, consideramos a variável sobre ideologia presente no Latinobarômetro que funciona em escala progressiva na qual a nota 0 corresponde totalmente à esquerda e 10 à direita. Considerando a gama de atores que escolhem outro número entre 0 e 10 agrupamos aqueles que pontuam entre 0 e 3 no espectro da esquerda e entre 7 e 10 no espectro da direita. Os jovens que se colocaram entre 4 e 6 na escala ideológica foram categorizados como de centro.

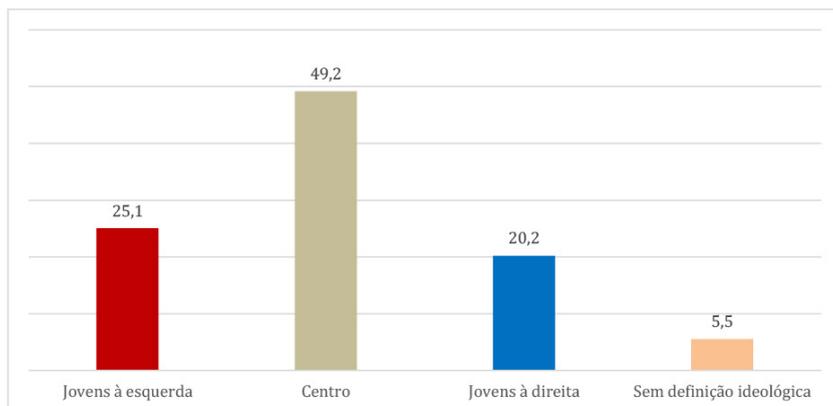
Para mostrar quem são os jovens à esquerda e à direita, na primeira seção do artigo trabalhamos com as variáveis relativas à autoidentificação ideológica e a questões socioeconômicas. Já para avaliar o quanto os jovens de esquerda e de direita diferem no tocante à percepção sobre política, na segunda seção exploramos as variáveis avaliação da democracia, interesse por política e confiança nas instituições.

A pesquisa contribui com o campo de estudos sobre juventudes e política em diversos sentidos. Primeiro, mostrando as percepções sobre política entre as juventudes. Também agregamos uma variável para distinguir os jovens: a sua posição política e ideológica. Por fim, problematizamos as aparentes distinções entre esses dois campos mostrando as várias semelhanças entre os jovens que se identificam de diferentes formas no espectro político e ideológico.

Juventudes progressistas e conservadoras: análises e considerações

Considerando as 323 respostas dos jovens ao *survey* do Latinobarômetro, dispomos inicialmente a distribuição ideológica dos jovens categorizados em “espectro da esquerda, espectro da direita, centro e sem definição ideológica”. A distribuição segue expressa no Gráfico 1.

Gráfico 1. Distribuição ideológica dos jovens



Fonte: Elaboração das autoras com base no Latinobarômetro 2020.

Os dados apresentados no Gráfico 1 destoam da literatura sobre as juventudes na medida em que apresentam um certo equilíbrio na distribuição de jovens à esquerda e à direita (ambos em torno dos 20%). Logo, em que pese os jovens serem considerados mais contestadores (Sherer-Warren, 2014; Melucci, 1997) aproximando-os da nossa definição de esquerda, os dados demonstram que uma parcela dos jovens se classifica como de direita e essa

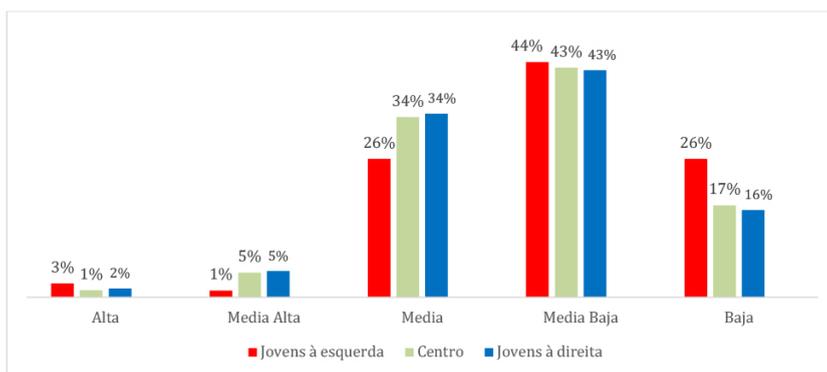
parcela é próxima daqueles que se consideram como de esquerda.

Os estudos sobre a organização política das juventudes (Castro, 2008; Mesquita et al., 2016; Araújo & Perez, 2020; Perez & Souza, 2020; Zuccolotto & Teixeira, 2020) têm demonstrado o seu distanciamento da política institucional - o que poderia levar a crer que os jovens não se identificariam nem como esquerda tampouco como direita. No entanto, conforme dados do Gráfico 1, aqueles que não se posicionaram ideologicamente somam apenas 5,5% dos jovens entrevistados. Esses resultados mostram então que há auto filiação das juventudes com categorias antigas de filiação ideológica, como ser de esquerda ou de direita. Mas é preciso destacar o expressivo percentual de jovens que se colocam numa posição mais ao centro, chegando a quase metade da amostra. Esse posicionamento político pode ser interpretado tanto como uma forma dos jovens demonstrarem seu desinteresse pela política, confirmando a literatura sobre o tema, quanto uma forma de evitar a polarização que tem se desenvolvido no país.

Aprofundando os dados sobre as juventudes no Brasil conforme suas filiações político-partidárias (esquerda e direita), analisamos o quanto elas se aproximam ou se distanciam no quesito perfil socioeconômico.

Como primeiro resultado dessa etapa, o Gráfico 2 apresenta a classe social dos jovens. Importa considerar que esta variável foi construída a partir da autopercepção dos entrevistados, expressando assim como estes jovens se veem dentro das hierarquias sociais na qual estão inseridos.

Gráfico 2. Classe social dos jovens



Fonte: Elaboração das autoras com base no Latinobarômetro 2020.

O Gráfico 2 mostra que pouquíssimos jovens, de ambos os espectros ideológicos, se consideram parte da elite econômica do país (em média 2%). Além disso, é perceptível também que a maioria dos jovens se percebe como pertencente às camadas médias (por volta de 30%) e média baixa (em média 43%).

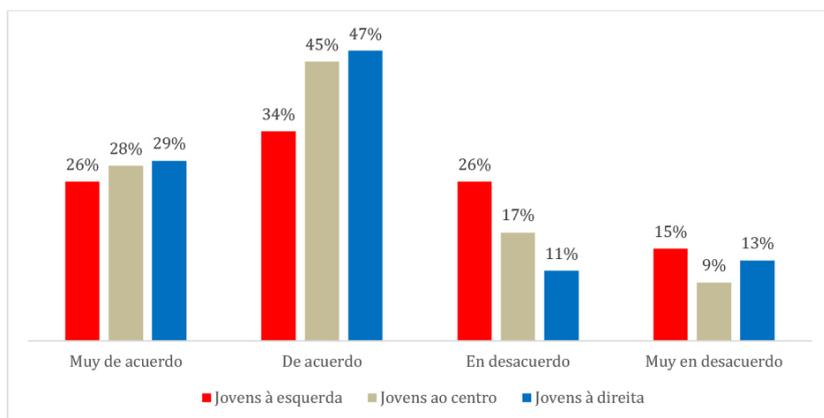
Note-se, entretanto, que, no campo ideológico da direita e do centro há um percentual maior de jovens que se percebem como classe média (34%), quando comparados aos jovens de esquerda (26%). Estes, inversamente, tendem a se tornarem mais significativos na medida em que se analisa camadas sociais mais baixas (chegando a 26% dos jovens de classe baixa). Logo, a percepção das classes sociais pelas juventudes corrobora com a concepção de que as classes mais abastadas tendem a possuir tendências mais à direita do que à esquerda. Isso de certa forma é esperado na medida em que os governos à esquerda deveriam promover políticas de igualdade social, beneficiando assim as classes mais baixas (Bobbio, 1994).

Juventudes: ideologias e percepções políticas

Após a apresentação do panorama do perfil das juventudes tomando como ponto de partida a ideologia, cabe avaliar como a disposição ideológica impacta na percepção dessas juventudes sobre questões centrais para a democracia, tais como a avaliação do sistema democrático; apoio a regimes ou lideranças autoritárias; confiança nas instituições e interesse por política. Nesses quesitos esperávamos diferenças significativas entre as juventudes das esquerdas e das direitas, entretanto, encontramos muitas semelhanças.

No Gráfico 3 abordamos a avaliação das juventudes sobre a democracia enquanto regime de governo.

Gráfico 3. *Concordância sobre a democracia ser a melhor forma de governo*



Fonte: Elaboração das autoras com base no Latinobarômetro 2020.

A variável que mobiliza o Gráfico 3 questiona se a democracia, mesmo tendo problemas, é o melhor tipo de governo. Agregando os percentuais “muito de acordo” e “de acordo” os dados evidenciam que os jovens avaliam a democracia como a melhor forma de governo, sendo 60% para os jovens à esquerda, 73% para os de centro e 76% para os jovens à direita. Temos uma porcentagem maior de discordância com a democracia entre os jovens à esquerda, totalizando 41% ante 26% dos jovens ao centro e 24% dos jovens à direita. Esse dado vai na contramão de uma percepção social sobre as juventudes à esquerda, rotineiramente associadas às lutas democráticas no Brasil ao longo da história (Scherer-Warren, 2014).

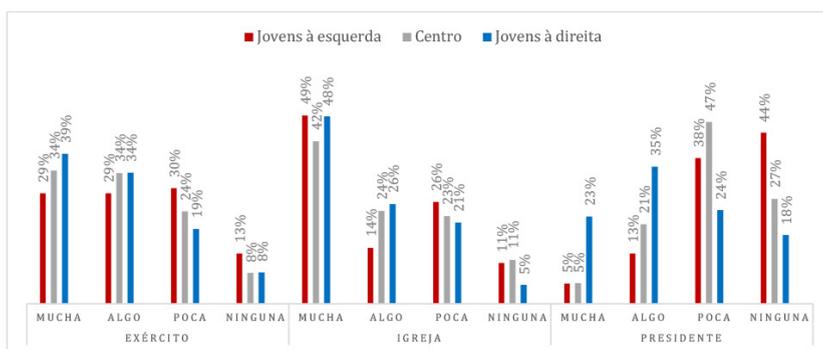
É importante considerar como o banco de dados do Latinobarômetro não nos permite realizar uma distinção mais pormenorizada da dispersão ideológica dos jovens (extrema-direita, extrema-esquerda, centro-esquerda e centro-direita). Assim, cabe pontuar se o jovem à esquerda é de fato antidemocrático ou se esse dado está condicionado pela influência de um determinado nicho da esquerda. Como bem pontua Bobbio (1994) o autoritarismo se constitui em uma percepção política que pode ser encontrada nos extremos dos espectros ideológicos, assim, para uma parte da esquerda a democracia não é um valor em si mesma. Freidenberg (2011) demonstra essa tendência ao discorrer sobre o populismo na América Latina e como ele assume um viés autoritário.

No entanto, os estudos já têm mostrado um certo rechaço às instituições políticas por jovens organizados politicamente em coletivos progressistas (Perez & Souza, 2020). As juventudes estariam se afastando das dinâmicas institucionais na medida em que a democracia representativa não estaria possibilitando uma verdadeira participação dos jovens (Araújo & Perez, 2021; Zuccolotto & Teixeira, 2020). Mas isso não significa apreço por um sistema mais conservador, embora pudesse expressar o desejo por uma forma de governo mais radical, capaz de garantir a inclusão de setores tradicionalmente excluídos das decisões coletivas, como mulheres, negros e jovens.

Nesse sentido, o jovem à esquerda poderia não aprovar a democracia porque consideraria que ela é limitada, tendência já encontrada em estudos mais amplos sobre o eleitorado. Como destaca Iazzetta (2019), a própria ideia de um sistema representativo surge em formas de governo não democráticas e, algumas de suas consequências se manifestam no surgimento de aristocracias eleitorais e na oligarquização dos partidos políticos, restringindo dessa forma a participação da população para além do voto.

No Gráfico 4 mostramos a confiança a algumas instituições democráticas entre os jovens, especificamente a confiança no Exército, na Igreja e na Presidência.

Gráfico 4. Confiança nas Instituições



Fonte: Elaboração das autoras com base no Latinobarômetro 2020.

Como podemos observar no Gráfico 4 os jovens à direita tendem a ter uma confiança maior nas Forças Armadas do que os jovens à esquerda, chegando a 39% frente a 29% dos jovens de esquerda. Os jovens de direita devem apoiar mais as forças armadas porque o presidente atual do Brasil, que re-

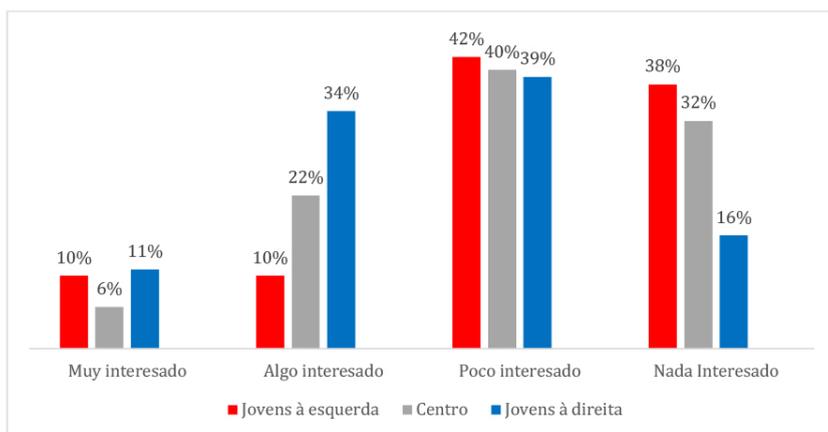
presenta esse projeto à direita, vem das Forças Armadas e sempre que pode ressalta sua importância.

O dado que mais distancia as juventudes é aquele referente à confiança na presidência do país. Os jovens à direita possuem um alto nível de confiança (23%) na figura do atual presidente do país (que deve estar atrelado ao apoio ao Bolsonarismo), enquanto os jovens à esquerda apresentam o maior índice de desconfiança ao mesmo (44%). De fato, no Brasil a distinção entre esquerda e direita tem sido central no projeto do atual presidente, como mostra o estudo de Goldstein (2019), e nesse sentido o apoio ao Bolsonaro distingue jovens de direita e de esquerda.

Outro fator que é realçado pelo Gráfico 4 é a força da religião sobre as juventudes: não apenas há um alto nível de confiança entre os jovens de todos os campos ideológicos, como a confiança na Igreja supera em muito as demais instituições e personalidades mencionadas.

Por fim apresentamos no Gráfico 5 como o interesse por política se manifesta entre as diferentes categorias juvenis segundo seu posicionamento ideológico.

Gráfico 5. Interesse por política dos jovens



Fonte: Elaboração das autoras com base no Latinobarômetro 2020.

Os dados apresentados no Gráfico 5 explicitam o interesse por política dos jovens dos diferentes campos ideológicos. Em geral a política não é vista pelas diversas juventudes com interesse. Aqui é importante reforçar que os

jovens têm rechaçado as instituições políticas democráticas, como os partidos políticos e o Congresso, que são associados normalmente à palavra política, mas isso não significa imobilismo, dada a quantidade de organizações de juventude criadas recentemente com o nome de coletivos (Perez & Souza, 2020).

O que mais surpreende nos dados é o maior interesse por política entre jovens de direita, contrariando a literatura que associa a juventude à esquerda há uma certa politização (Sherer-Warren, 2014; Melucci, 1997). Quando agregamos “pouco interesse” com “muito interesse” chegamos à conclusão de que os jovens de direita se mostram mais ligados as dinâmicas da política institucional que os jovens de esquerda, enquanto os primeiros somam 45%, os segundos somam apenas 20%. Esse dado é reforçado ainda pela variável “nada interessado”, na qual os jovens de direita pontuam apenas 16% ante 38% dos jovens de esquerda e 32% dos jovens ao centro. Novamente esses dados devem ser lidos contextualmente dado que o atual presidente do Brasil é de direita, o que pode despertar mais interesse dos jovens de direita pela política institucional, ainda mais considerando que eles têm mais espaço nela agora.

Considerações finais

A presente pesquisa objetivou analisar as nuances que permeiam as juventudes em relação ao seu posicionamento ideológico. Para isso adotamos metodologia quantitativa a partir da análise do Latinobarômetro em sua onda de 2020. Para entender os jovens de direita e de esquerda foram consideradas as variáveis de autoidentificação ideológica, bem como um breve perfil socioeconômico. E para verificar o quanto as juventudes se assemelham ou não, consideramos o interesse por política, confiança nas instituições e avaliação da democracia.

A análise do perfil das diferentes juventudes demarcadas pela ideologia evidenciou como a distribuição dos jovens entre direita e esquerda é aproximada, destacando-se, no entanto, um alto percentual de jovens que se posicionaram ao centro. Sobre os jovens de centro foi constatado ao longo do estudo que estes variam de um polo ideológico a outro dependendo da variável em análise, ora se aproximando da esquerda ora da direita. Quanto às dinâmicas socioeconômicas foram percebidas que a maioria dos jovens se encontra entre as classes média e baixa, bem como identificam-se majoritariamente como pessoas brancas.

Outro dado relevante na pesquisa se dá na proeminência dos jovens à direita no interesse por política. Tal fato evidencia uma percepção do crescimento de movimentos conservadores liderados por jovens nas duas últimas décadas, os quais passaram não apenas a ocupar a arena das ruas e dos movimentos sociais, mas também se inseriram na política institucional.

Para entender esse avanço consideramos importante retomar algumas explicações de Karl Mannheim (1986) que tratam da concepção de conservadorismo enquanto estilo de pensamento, realizando uma importante distinção entre tradicionalismo, ou seja, o apego às estruturas de comportamento cristalizadas na sociedade e o conservadorismo em si, compreendido como um contra movimento diante da delimitação de um inimigo que ameaça o *statu quo*.

A perspectiva de Mannheim (1986) também contribui para uma leitura desses dados ao demonstrar como o conservadorismo se forma como contraposição aos movimentos progressistas. Nesse sentido, o maior interesse da juventude à direita pode ser compreendido como uma reação à percepção de uma juventude essencialmente progressista que teria se desenvolvido ao longo dos anos em que a esquerda esteve à frente do executivo nacional.

Mais especificamente, as grandes lutas dos jovens progressistas expressas em grandes ciclos de protestos como as Jornadas de Junho de 2013 –em que milhares saíram às ruas no Brasil a favor de direitos e contra o sistema político (Perez, 2021)– podem ser consideradas como um processo de estímulo ao surgimento de contra movimentos na esfera conservadora, como é o caso de movimentos de jovens à direita.

Movimentos como o Escola Sem Partido também podem ser elencados como fortalecedores do conservadorismo juvenil no Brasil ao propagar a necessidade de combater uma suposta doutrinação “esquerdista” nas escolas com consequente fortalecimento do posicionamento progressista dos jovens (Severo & Gonçalves, 2020).

No entanto, longe de encerrar as possibilidades de estudo, esta pesquisa deixa em aberto uma ampla agenda de pesquisas das quais destacamos: a necessidade de compreender quem é o jovem de centro; qual a concepção de democracia que os jovens à direita e à esquerda possuem, bem como os repertórios de ação que as juventudes dos diferentes espectros ideológicos priorizam. 

Referências

- ALMEIDA, R. (2019). *Bolsonaro presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira*. *Novos Estudos CEBRAP*, 38(1), 185-213.
- ARAÚJO, R. D.O. Y PEREZ, O. C. (2021). Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. *Estudos de Sociologia*, 26(50), 327-349.
- BOBBIO, N. (1994). *Esquerda e direita: razões e significados de uma distinção*. São Paulo: Editora da Unesp.
- CASTRO, L. R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista Sociologia & Política*, 16(30), 253-258.
- CEPÊDA, V. A. (2021). A nova direita no Brasil: ideologia e agenda política. Em M. Buzetto (Org.), *Democracia e direitos humanos no Brasil: a ofensiva das direitas (2016/2020)* (pp. 73 – 91). CUT.
- FREIDENBERG, F. (2011). Los nuevos liderazgos populistas y la democracia en América Latina. *Lasa Forum*, XLII(3), p. 09–11.
- GOLDSTEIN, A. A. (2019). *The New Far-Right in Brazil and the Construction of a Right-Wing Order*. *Latin American Perspectives*, 46(4), 245-262.
- GROppo, L. A. (2016). *Juventudes: Sociologia, cultura e movimentos*. Universidade Federal de Alfenas.
- IAZZETTA, O. (2019). *Las tensiones irresueltas de la representación*. En F. Mayorga (Ed.), *Elecciones y legitimidad democrática en América Latina* (pp. 343-366). Clacso.
- LATINOBARÔMETRO. *Banco de dados: Latinobarómetro*. (2020). Acesso em 10 de maio de 2022: <http://www.latinobarometro.org>
- MANNHEIM, K. (1986). *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- MELUCCI, A (1997). Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, 5, 05-14.
- MESQUITA, M. R., BONFIM, J., PADILHA, E. Y SILVA, A. C. (2016). Juventudes e participação: Compreensão de política, valores e práticas sociais. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 288-297.
- PEREZ, O. C. Y SOUZA, B. M. (2020). Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. *Educação e Pesquisa*, 1, 01-19
- PEREZ, O. C. (2021). Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. *Izquierdas*, 1(50), 01-16.
- RIBEIRO, E. Y FUKS, M. (2019). Tolerância política no Brasil. *Opinião Pública*, 25(3), 531-555.
- SANTOS, G. G.; PEREZ, O. C. & SZWAKO, J. L. (2017). Gêneros da participação: refletindo sobre limites e possibilidades da participação social na promoção da equidade de

- gênero e da diversidade sexual em âmbito estatal. *Estudos de Sociologia (UFPE)*, 2(23),19-74.
- SCHERER-WARREN, I. (2014). Manifestações de rua no brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno CRH*, 27(71), 417-429.
- SEVERO, R. G.; WELLER, W. Y ARAÚJO, G. G. (2021) tendo como base a teoria das gerações de Karl Mannheim e suas análises sobre o conservadorismo como um estilo de pensamento. Os dados originam-se de pesquisa quantitativa realizada em escolas de ensino médio de três municípios do Rio Grande do Sul, com 2.169 respondentes. O desfecho do estudo parte da resposta à autoidentificação política, na escala de 1 (extrema esquerda). Jovens de direita no ensino médio: marcadores de um estilo de pensamento. *Linhas Críticas*, 27, 2024.
- SEVERO, R., Y GONÇALVES, L.D. (2020). Ofensiva conservadora: a busca da anulação da participação de jovens na vida pública pelo escola sem partido. *Educere et Educare*, 15(36), 1-19.
- VIEIRA, S. M. Y MACIEL, N. (2011). *Os partidos brasileiros são todos iguais? A análise das diferenças entre os partidos segundo documentos políticos*. 35º Encontro anual da Anpocs, Caxambu, MG, Anais eletrônicos. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, São Paulo, Brasil.
- VOMMARO, P. (2015). *Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina: tendencias, conflictos y desafíos*. Grupo Editor Universitario.
- VOMMARO, P. (2019). Desigualdades, derechos y participación juvenil en América Latina: acercamientos desde los procesos generacionales. *Revista Derecho e Práxis*, 10(2), 1192-1213.
- WELLER, W., Y BASSALO, L. DE M. B. (2020). A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. *Estudos Avançados*, 34(99), 391-407.
- ZUCCOLOTTO, R. Y TEIXEIRA, M. A. C. (2020). La representación en el siglo XXI. En J. Brugué Torruella, S. Martins & C. Pineda Nebot (Coords.), *¿Una nueva democracia para el siglo XXI?* (pp. 23-35). Clacso.